

Play List – Arquivos e Corpos

Mauricio Salles Vasconcelos

Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo analisa as relações entre a estocagem eletrônica da música-DJ e a poética de Ricardo Domeneck. Tem o interesse de estabelecer a historicidade de novos elos criativos envolvendo tecnologia e escrita na contemporaneidade.

Palavras-chave: poesia, história, contexto, música, tecnologia

Abstract: This article analyzes the relationship between the electronic storage in DJ-music and the poetics of Ricardo Domeneck. It has the interest to establish the historicity of new creative links involving technology and writing in contemporary times.

Keywords: poetry, history, context, music, technology

Começando quando... Tomo aqui o título de um poema-em-série de Ricardo Domeneck pelo meio: *“Oitava faixa - 0:50”*. O milênio adentro, pelo meio, depois de 15 anos, quase, de seu advento/evento. Para se pensar a contemporaneidade e a provocação contínua que ainda subsistem na poesia. Começando pelo que potencializa uma época através da poesia: a historicidade, tal como se processa e desponta amplamente configurada, em um espaço de criação.

O milênio é, aparentemente, um recurso externo, uma datação. Mas há algo que muda no tempo – especialmente, nessa época de passagem, sinalizada pela emergência de

culturas em revolta, pelo corte com o pacto consensual da globalização, à altura de 11/9 no tão anunciado ano 2001, ano do começo, desde o começo. Muda no modo de se fazer poesia entre uma amplificada agenda *realpolitik* e a rede que informa as linguagens, o campo epistêmico em aguda recombinação.

Ocupo-me, então, de um poeta, entre muitos, surgido nesses últimos 10 anos, tendo como divisa a compreensão de Agamben de que o contemporâneo está sempre em emergência, nunca revela sua face pela figuração mais visível, em seu tempo, no ar do tempo. E, no mesmo movimento, não descarto a visagem mais efêmera de uma época, timbrada pelo que é *só de agora* – modernidade, *modernus* em seu étimo –, sem a qual não há pregnância atualizadora de existência, arte e saber, mas tão-somente ancoragem prévia no que é duradouro, destituída da chance de provocar permanência por força do fator essencial de presentidade. (Reative-se a porção do instante tão decisiva quanto a vertente da tradição de uma dada linguagem, da poética, por exemplo, em sincronia com a tese de Baudelaire, esteta investigador da duração e da deambulação dos signos da poesia em seu tempo).

*Começando quando – Oitava faixa – 0:50 –
Prefiro, no fundo,
a superfícies,
apêndices.
Consumir antes
da próxima geração.* (Domeneck 2007: 108)

É outra música que toca. De máquina. É música. E do mundo, sempre renomeado para além de uma metáfora extensa/extensiva de pertencimento, mais e mais aproximado sob uma figuração bem diversa de uma imagem projetada em polos culturalizados, postos à distância, suplementado por anotações da hora que passa. *Consumir antes/da próxima geração.*

Domeneck, em um artigo muito arguto, bem raro entre os mais novos criadores, intitulado “Ideologia da percepção”, dá destaque ao necessário diálogo com as forças históricas recentes para fora do esquadro estritamente literário, autorreferendador, de nossa poesia vagamente formulada como pós-moderna. Presa de uma recitação

monovalente do espaço literário, tendo a forma breve do poema como peça-modelo soberana e o referendo à autoria e à arte como pontos máximos de seu exercício recorrente, a linguagem se priva da apreensão do contexto em que se produz. Restringe, assim, o raio de ação e percepção do poeta e da poesia na atualidade, bem como tudo o que requer uma leitura histórica não fundada, simplesmente, na sucessão temporal que culmina nos estilos assinalados pelo pré-fabricado, genérico, prefixo *post*. Muito mais se acirram a finitude e o multiplicar de uma tópica que descrevem o que se extingue e desponta numa refiguração de épocas e concepções de um verdadeiro mapa teórico para percebê-las no aparente fluxo contínuo do tempo.

Em seu ensaio, Domeneck deixa viva a intensificação da posterioridade no que se refere a um tempo e a uma conjuntura/conjunção complexa de signos e sinais de mutação. À tal marca de posteriorização se deve acrescentar o fim de um período que faz datar uma série de procedimentos e visões do literário, no instante mesmo em que se faz atravessar pela velocidade de forças e formas ao infinito das relações travadas pela poesia enquanto sistema de informação em uma cultura multimidiática – cultura essa capaz de transformar por dentro uma esfera nada imune a modos reconfiguradores do suporte, da presença, das projeções da palavra e do poeta. Cultura na qual o trabalho poético se lança em um desafio criativo, abrindo outros modos de ativar a escrita numa era em que técnica, corporalidade, estética e política não criam domínios separados, exclusivos, nem divisas intransitáveis. Mas compõem o espaço do poema no interior do mundo globalizado/englobante, situado entre planificação econômica e planetarismo, entre *glomus* (aglomeração, desordem ambiental e coletiva) e globo, como pensa Jean-Luc Nancy.

Justamente, põe-se em relevo o impasse desse momento-milênio atravessado pelas guerras imperiais contra o Novo Oriente travadas pelos Ocidentes multiplicados de cada ordem local, pelos tráfegos e tráficos da economia, revestidos de toda forma de poder. É o que ocorre na extensão tomada pela vida imediata das culturas e quadraturas do tecnocapitalismo transnacionalizado.

O autor de *Sons: Arranjo: Garganta* frisa, no ensaio citado, uma urgência ante a multiplicidade dos saberes e linguagens que revelam uma época, sob uma face mais opaca, nada coincidente com o que se vê e logo se pensa sobre o momento (segundo a tese de

Agamben), antes de se tornar matéria da próxima geração ou desta que acontece agora quando se tornar a última e, então, só bem depois, matéria de estudo, de forma mais legível e legitimada. Como se lia em Ana C., bem antes de Domeneck, “*Não sou personagem do seu livro e nem que você queira não me recorta no horizonte teórico da década passada*” (César 1982: 12).

Contorno descontínuo. Chama atenção o historiador Fabrice D’Almeida a respeito da transformação dos “modos de investigar, informar, arquivar, até de pensar” (D’Almeida 2008: 72), a partir dos anos 1970. O começo do século XXI advém dessa década. É o que constata D’Almeida, ao elaborar uma breve história do presente milênio. Perceptíveis se mostram um direcionamento arquivístico, um intuito mapeador, nesse período; tudo o que envolve a formação de uma rede de relações cognitivas e conjunturais no que se refere a diferentes setores profissionais e a esferas epistemológicas. Nesse compasso, se evidencia a fragilização das especialidades e especificidades em favor da permutação/permeabilidade das fronteiras e da descentralização dos agentes do conhecimento. Aliás, Frank Leibovici analisa a força interveniente dos *documentos poéticos* na atualidade (em autores como Mark Lombardi, Charles Reznikoff, Nathalie Quintane, entre outros, e no Brasil recepcionados por Marília Garcia, que estabelece um diálogo bem declarado nessa via conceptiva).

Bem se situa, entre nós, o projeto antecipadoramente desenhado e materializado por Ana C, influente até o dia de hoje. Esse sentido de arquivo já foi, aliás, apontado por Silviano Santiago quando capta o surgimento da poesia dita marginal na virada para os anos 1980 e o período contemporâneo no Brasil, mobilizados, a um só tempo, pela gradativa ruptura com a ditadura militarista. Como sublinha Santiago,

As identidades (individuais, políticas, sociais, econômicas, etc.) não seriam mais estabelecidas pelos grandes vínculos ou dependências ideológico-partidárias no espaço público da cidade (...). No momento da transição do século XX para o seu “fim”, a Sociologia e a velha geração de acadêmicos saíam de campo e tomavam lugar na arquibancada, para entrar em campo a Antropologia sob as ordens dos emergentes mapeadores das transformações culturais por que passava o país. (Santiago 2004: 141)

Santiago ressalta a emergência de uma antropologia urbana, que hoje se realiza à altura da complexa ambiência contemporânea, envolvendo sujeito e uma expandida pertença coletiva, através de noções redimensionadas de tempo e lugar. Em sincronia com a teorização crescente no que diz respeito ao empenho cartográfico dos mais novos agenciadores nos diferentes campos do conhecimento e das artes, o percurso de Ana C. se faz de forma ambivalente na crítica e na poesia, tecendo entre as duas áreas um fundamental intercâmbio. Não por acaso, se salienta em seu trabalho de escrita o *tomar nota*, um *fazer pauta*. Diversas camadas discursivas – do lido ao ouvido, do transcrito ao vivido – formalizam um trabalho poético timbrado pela autorreferencialidade, assim como pelo contágio de sua produção a varias instâncias de linguagem por meio da anotação bruta e da pauta.

Fazer pauta atende a uma discriminação ordenadora, presente nos círculos do jornalismo e da ação político-cultural, embasada, curiosamente, no entendimento de Ana C, pela indeterminação dos elementos componentes de um toque caligráfico quando não datiloestenográfico em aberto. Margeia a produção, tão bem refletida sobre o legado moderno – e modernista, num diálogo declarado com autores brasileiros das primeiras décadas do século XX –, no campo da poesia, o *corpus* heterogêneo de que se mune, em uma temporalidade marcadamente *de agora*.

*Trilha sonora ao fundo: piano no bordel, vozes
barganhando uma informação difícil. Agora
silêncio; silêncio eletrônico, produzido no
sintetizador que antes construiu a ameaça das
asas batendo freneticamente.
Apuro técnico.
Os canais que só existem no mapa. (César 1982: 7)*

A aderência à marcação de um mapa assinalado por seu caráter técnico, e simultaneamente investigativo na desbravação de canais, mostra o caráter construído e pontuado por interferências de uma trilha sonora mesclada, polifônico-eletrônica, nitidamente informacional. Interessante é ver, em um poeta de hoje como Domeneck, essa

linha sobre linha de uma escrita formulada com um sentido de montagem, tendo o *Playlist* como norteamento.

Em extensão à pauta de coisas heteroclíticas acolhidas por Ana C., sem divisórias entre o registro da intimidade e a avaliação crítica dos referenciais da cultura, irrompe a figura DJ. Nada está dado pela simples acoplagem à máquina telemático-instrumental. Sempre há uma captura dos signos orbitados pelo dispositivo tecno-operacional. Uma heterarquia, poderia dizer N. Katheryne Hayles, que atravessa todos os domínios do conhecimento, todas as linguagens. Uma incidência de vetores a serem recombinaados no plano da escrita, no espaço da poesia.

Fazendo uso de um dos títulos de Domeneck – *Corpos e Palanques* (livro de 2009) –, acrescento aqui *Arquivos* ao processo compositivo do poeta, por observar o traço de estocagem que não se estende apenas ao campo sonoro, numa pregnância da escrita à música da hora. No entanto, ocorre uma suplementação ao simples vínculo epocal, pois dá ênfase a tudo que se relaciona com um *corpus* de dados culturais e imateriais, como, também, com um *corpo* convocado a afirmar a performatividade na anotação da experiência.

Justamente, esse *composto* de atuação ao vivo e circulação de um repertório, de um modo de criar e montar *on-line*, ressalta o dado de historicidade e de redefinição do contexto, tão importante para Domeneck. Não apenas pela alusão advinda de um dimensionamento vivencial em seu tempo, tais marcas surgem fortemente em livros como *A cadela sem logos* (2007), mas relacionada ao senso de fazer *evento* no âmbito da escrita.

Uma correspondência não-linear com a cultura digital, observável na música eletrificada *all night long* em todos os recantos do planeta, ganha a cena tornando viva uma rede em compartilhamento e na multiplicidade de itens em mútua implicação, em encadeamento não-linear. Partilha e Palanque.

O corpo não se inscreve sem a pulsação de um universo topológico atravessado por subjetivação, tecnologia, comunitarismo e mundialidade, em cada faixa que irrompe, noite a noite, nos espaços de celebração simultânea, na vida paralela à máquina informacional. *Corpos ao vivo*: quantas formas de dança, quais signos orbitam no gesto somático, em celebração conjunta, sob o pulsar eletrônico-maquínico?

Bem aponta Michel Gaillot os significados múltiplos contidos na cena *techno*, compreendida como um laboratório artístico e político do presente. Diferentemente dos ritmos produtivos do trabalho e da acumulação racional/funcional, máquinas/tecnologias de som ganham um contorno de consagração entre a dança e o desempenho relacional do dispositivo digitalizado, com suas redes de arquivos potencializadas pelo que chamou Pál Pelbart de *sinergia coletiva*, de *contexto de sensorialidade alargada* (Pelbart 2003: 29).

Entre corpo e *corpus* maquínico, os escritos de Domeneck dão atenção à atualidade da literatura, não simplesmente esquadrinhada pela tecnificação globalizante. Bem ao contrário, os dados de uma proveniência, a possibilidade de um traço *ab origine* se mostram indissociáveis de uma distribuição integral de forças, por meio da qual a corporalidade, com sua manifestação direta, pulsional, libidinal, se articula como construção integral e integrada a seus polos imateriais.

Curiosamente, a combinatória de música eletrônica e *poesia de linguagem* é sublinhada, tal como o autor referencializa em autores como Lyn Hejinian e Rosmarie Waldrop, ligados a uma vertente desbravada por Gertrude Stein, destacada por ele pelo toque de feminização essencial, transformadora da tendência muitas vezes limitadora da *Language Poetry*, dentro de acepções eminentemente linguais/literárias de experimentação. Rompem-se, assim, os ditames da mentação autorreferencial, através da reescrita do *ready-made* Livro da Vida (caso de Hejinian), do espectro aforimástico tomado nos projetos de Waldrop (ao sabor de “notações” contingentes), em favor de linhas/alíneas de montagem colhidas em uma cadeia plurissemiótica, intensificando as marcas da subjetivação na “linguagem da poesia”.

No que tange à escrita de Domeneck – “Não a tentativa de excluir dos jogos de linguagem o eu centralizador, como parecem buscar os escritores masculinos do movimento L=A=N=G=U=A=G=E, mas expô-lo” (Domeneck 2007: 122) –, tal vertente/tendência declinada no feminino propicia o enunciar do homoerotismo, de um modo simultaneamente direto e composto, conjugado com outros semas de uma sintaxe sempre relacional, não como um simples indício temático. Enfatizam-se os dados de uma captação variável dos componentes da escrita, capazes de acentuar os vínculos do corpo com a técnica, a cena da

globalidade em todas as suas acepções diversificadoras, no que envolve a convivência em escalas coletivas macroconfiguradas. Corpos entre corpos, entre palanques e arquivos.

Sem o vigor da erotização de sua poética nos mais diferentes campos de linguagem e saber (tecnologia, música, filosofia, antropologia urbana, história contemporânea e a própria poesia), tudo o que se abraça e se abrange – o dado somático, vitalista, amplificado em múltiplas formações da linguagem no tempo –, não se efetivariam as orbitações conceptivas/conexionais de uma era *high-tech* cruzada com a instauração do corpo na cultura em impensáveis frentes e formas. A delimitação de tal potência seria grande, no interior das modelações do texto confessional, apologético de uma noção identitária circunstancializada, apropriada já, no curso das conquistas de sua afirmação “minoritária”, por outros domínios discursivos hegemônicos (os partidos, as telecomunicações, as linhas disciplinares do saber acadêmico, encerradas num código sistêmico como o dos “Estudos Culturais”, não extensivas a acoplagens intempestivas/interventivas em outros domínios cognitivos).

É do fluxo de uma minorização em projeto ininterrupto, multiplicada pela possibilidade da cultura tecnológica em vigor viabilizar modos de enunciação imprevistos e a fomentação de contextos de linguagem e atuações/situações historicamente dimensionados em sincronia com o estado dos signos do presente – uma preocupação, aliás, central de seu citado ensaio – que o poeta constrói seus palanques/corpos de textos/arquivos. E tal propulsão se verifica através de uma variabilidade e velocidade – linha a linha – próximas do sentido *mixeur* da estocagem/experimentação da Arte DJ.

sobre o seu
dorso
sobre o seu
sobre
& que eu
sobre quando
esgotarem-se
todas as outras possibilidades eretas
se não
do mundo,

*da cidade,
então esqueça meu nome
se a mim basta-me
um assovio
para que minhas palmas e joelhos
apresentem-se ao seu tapete
e minha saliva não
frustre a minha língua
pois a aprendizagem com
Oswald de Andrade/Frank O'Hara
demonstra que nomear muitas vezes
simplesmente
acalma,
Johannes Johannes (Domeneck 2009: 69)*

Frise-se que a imagem-chave do *DJ*, ao fornecer um contorno conceitual mais evidente a *Sons: Arranjo: Garganta* (2009), deixa exposto o sentido atualizador de arquivo, montado na extensão de corpo e tempo presentes. Uma outra natureza, não somente a que decorre, segundo W. Benjamin, da acoplagem dual entre a modernidade crítica e uma época técnica, possibilita a compreensão, afinada com F. Guattari, de que os agenciamentos maquínicos não se dão por estratos, mas através de extratos (extrações, exscrições).

E como não existe nenhum agenciamento geral superando o conjunto [das enunciações concretas], a cada vez que encontramos um enunciado universal será necessário determinar a natureza particular de seu agenciamento enunciador e analisar a operação de poder que o conduz a tal universalidade.
(Guattari 1998:11-12)

Deixa de haver domínios centrais, controles absolutos de uma máquina abstrata da tecnologia. Por outro turno, não ocorre a constituição de uma “segunda natureza”, nem a imposição do simulacro protético sobre o somatismo de uma organicidade não-orgânica, nada dialética, do trato integral do humano em relação ao complexo arsenal da tecnicidade. É em função dos apelos cognitivos, sensitivos, intelectivos, que o *phylum maquínico* e seus aparelhos/aparelhamentos tomam forma (veja-se o diálogo travado por Avital Ronell com as indagações pioneiras de Heidegger ante o perigo do domínio tecnológico no meio do último,

findo século – ver bibliografia). Um pressuposto primordialmente negativo da máquina sobre os seres não se formula antes de seus usos/agenciamentos, para além dos poderes instituídos, capitalizados, que se exercem indiscriminadamente sobre máquinas e corpos de mulheres, homens, em todas as instâncias, nas mais diferentes idades e épocas (tal como agora, para lá – bem aqui – de uma única/última conformação). Na verdade, existe (subsiste) um só corpo e seu múltiplo material (cognitivo, econômico, estético, erótico e mais, a mais). Lê-se aqui, na real – de igual, iterativo, modo, no real da rede –, a *poesia*, indissociavelmente, engendrada como *história de um corpo*.

Realizamos *agenciamentos da máquina*, no interior, já, de uma cultura tecnificada (a começar do próprio ato de escrever, inscrever e pensar, lidamos com uma máquina-de-informação), nem por isso distante do desejo, da deriva e do devir das corporalidades proliferadas em uma multissemiótica subjétil, esferológica (no dizer de Sloterdijk, que enfatiza a diferença das esferas criativas, gnosiologicamente produtoras, em relação aos duros estratos disciplinarizados). O dispositivo tecnológico se amplia em toda a extensão da socialidade, a contar de enunciações concretas, inerentes à própria existência do construto *tecno*, inseparável de corpos que o operam e pluralizam seus usos.

Verifica-se, aí, uma acepção de linguagem que o autor de *A cadela sem logos* se dedica a descobrir, a disseminar, numa fronteira muito afim com a pauta engendrada por Ana C, por meio hoje da *Playlist* (poesia/música/arte eletrônica para dança e pontos transnacionalizados, mundializados, de encontro/contato/emissão/recepção).

a-
pós
a noite
em claro com
Antonioni/Plath/Radiohead
Você pergunta-me
pela vida humorosa?
(cf. O. de A.)
autodevastar-se
a única
art we master,
só nos entendendo

via subtração,
nossos encontros
fantásticos!, cavalheiros,
como anseio
por ele
que piora tudo;
(...)
aguardo o dia
em que tudo
o que disser-me
o ventríloquo
seja a citação
de alguém algures,
como desaparecer
completamente; (Domeneck 2009: 25-26)

DJ radicado em Berlim, Domeneck presentifica uma modulação nomádica, abrangendo música e linguagem, corpo e espacialidade, capaz de ressituar as viagens realizadas pela autora de *A teus pés* em diferentes partes do mundo, precisamente no ponto em que a “bagagem do disk jockey” (César 1982: 81) já se fazia incluída na *entourage* referencial e contextual do seu importante “Carta de Paris”. Este texto é, aliás, revelador da condição exilada do poeta, que ela vai colher no Baudelaire de “O cisne”, numa releitura próxima do que se pode tomar como uma *flânerie radical*. A poesia bem se localiza pelo movimento, pelo descentramento típico da condição dos habitantes da cultura planetária, tomados por migrações enormes (para dizer com Rimbaud, em “Gênio”) de corpos, lugares e sentidos entre os seres e os saberes de uma época em mutação epistêmica e territorial dos mais fixos e consolidados fundamentos.

Quando pensadores como Iouri Lotman e Peter Sloterdijk concebem a imagem das esferas para apreender a criação de semióticas e críticas culturais heterogêneas – um plano de semioesferas relacionável com aquele das tecnoesferas –, não se absteriam de localizar a diversificação das linguagens – a expansão intercambiante de arquivos e os modos de usar (lembrando-se aqui o nome do *blog* produzido por Domeneck ao lado de outros poetas jovens brasileiros) uma complexa rede de referências. É o que se lê nos textos de Domeneck

em pistas/listas de uma desbravação não-imediata, embora perpassando inelutavelmente pela vida imediata. *Contexto ao acaso*, como se lê no texto “Composição como contexto”.

Realidade é o alarme da pertinência na atenção inserida no contexto ao acaso. (...) O espontâneo tem começo e logo após o espontâneo do começo vem a mediação do deliberado. Instantâneo só o fim. Se já não se sabe o quanto o sujeito mistura-se ao objeto, se sou eu a paisagem contemplada, se amanhã ou vinte anos depois, como nos musicais, se o limite não é parte do mundo como a fronteira não pertence ao país, como tratar a COISA de forma DIRETA, se a direção do objeto é a mesma do sujeito, movendo-se continuamente entre semântica e sintaxe? Tocando-se expectativa e realização.
(Domeneck 2007: 119)

Nutrido de variados referenciais de leituras e linguagens, da arte e da cultura, o projeto de escrita poética, em uma época maciçamente tecnificada, se dá em partilha e pertencimento indissociáveis de uma realidade antes de tudo discursivizada (numa extração refigurada da *Language Poetry*) em todos os planos de uma verdadeira instrumentalização de planos de saber plasmados em séries/segmentos/extratos. A contrapelo dos englobantes universais, modulam-se nos poemas de Domeneck as falhas e os fogos locais (como pensa Deleuze o vir-a-ser planetário absorvido do pensamento de Kostas Axelos): “...como nos musicais, se o limite não é parte do mundo como a fronteira não pertence ao país” (*ibidem*). Algo que encontra seu contexto e sua imagem mais pulsante nas células eletrônicas – os signos/sinais da vida em comum, do laboratório do presente (para dizer com Gaillot) em que hoje se conjugam as constelações materiais, espacialmente visíveis à noite: no compasso de um tempo e lugares multiplicados, inseparáveis de suas esferas e fronteiras.

Corpos e palanques – por força da potência combinatória dos arquivos acionados enquanto a dança se propaga em todas as partes desse mundo em movimento sincrônico, entretanto nada homogêneo; sob a gravitação de uma *Play List* multívoca, heterodoxamente motivada, como uma espécie de música do tempo, em emergência sempre.

Bibliografia

- Agamben, Giorgio (2009), *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, tradução de Vinicius Nicastro Honesco, Chapecó, Argos.
- Axelos, Kostas (1964), *Vers la pensée planétaire*, Paris, Minuit.
- Cesar, Ana Cristina (1982), *A teus pés*, São Paulo, Brasiliense.
- (1985), *Inéditos e dispersos*, São Paulo, Brasiliense.
- D’Almeida, Fabrice (2008), *Breve história do século XXI*, tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Lisboa, Teorema.
- Deleuze, Gilles (2002), *L’île désert*, Paris, Minuit.
- Domeneck, Ricardo (2006), “Ideologia da percepção ou Algumas considerações sobre a poesia contemporânea no Brasil”, *Inimigo Rumor*, nº 18, Viveiros de Castro/Cosac Naify: 175-216.
- (2007), *A cadela sem Logos*, São Paulo/Rio de Janeiro, Cosac Naify/7Letras.
- (2009), *Sons: Arranjo: Garganta*, São Paulo/Rio de Janeiro, Cosac Naify/7Letras.
- Gaillot, Michel (1998), *Sens multiple. La techno, un laboratoire artistique et et politique du présent*, Paris, Dis Voir.
- Guattari, Félix (1998), *O inconsciente maquínico. Ensaio de esquizoanálise*, tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César, Campinas, Papirus.
- Hayles, N. Katherine (2009), *A literatura eletrônica. Novos horizontes para o literário*, Tradução de Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz, São Paulo/Passo Fundo, Global/Fundação Universitária de Passo Fundo.
- Leibovic, Franck (2007), *Des documents poétiques*, Marselha, Al Dante.
- Lotman, Youri (1999), *La sémiotique*, tradução de Anka Ledenko. Limoges, Pulim.
- Nancy, Jean-Luc (2004), *La création du monde ou la mondialisation*, Paris, Galilée.
- Pelbart, Peter Pál (2003), *Vida capital. Ensaio de biopolítica*, São Paulo, Iluminuras.

Ronell, Avital (1989), *The Telephone Book, Technology, Schizophrenia, Electric Speech*, Lincoln e Londres, University of Nebraska Press.

Santiago, Silviano (2004), *O cosmopolitismo do pobre e outros ensaios*, Belo Horizonte, UFMG.

Sloterdijk, Peter (2011), *Spheres I. Bubbles. Microspherology*, tradução de Wieland Hoban, Los Angeles, Semiotext(e).

Mauricio Salles Vasconcelos é Professor Livre-Docente da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (Universidade de São Paulo). É autor de *Telenovela* (romance, Ed. Giostri, 2014), *Moça em blazer xadrez* (narrativas, Ed. Giostri, 2013), *Ela não fuma mais maconha* (romance, Selo E/Editora Annablume, 2011), *Stereo* (ficções, ed. Ciência do Acidente, 2002) e dos ensaios *Espiral Terra – Poéticas contemporâneas de língua portuguesa* (Annablume, 2013); *Rimbaud da América e outras iluminações* (Estação Liberdade, 2000). Publicou os livros de poesia: *Lembrança arranhada* (Ed. Fontana, 1980); *Tesouro transparente* (Anima, 1985), *Sonos curtos* (Massao Ohno, 1992) e *Ocidentes dum sentimental* (Orobó, 1998), uma recriação de “O sentimento dum ocidental”, de Cesário Verde. Traduziu o livro *My Life*, da poeta norte-americana Lyn Hejinian (Editora Dobra, 2014).